

## Do discurso à estratégia: A construção da candidatura de Danilo Coelho na micropolítica do Mato Grosso

Rodolpho Raphael de Oliveira Santos<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo analisa a candidatura de Danilo Coelho em Ribeirãozinho–MT, destacando a articulação entre discurso político, micropolítica e estratégias eleitorais em um contexto local marcado por hegemonias oligárquicas. O estudo parte da compreensão do discurso como prática performativa, capaz de moldar percepções, afetos e identidades políticas. Fundamentado em Habermas, Fraser, Scott, Bourdieu e Charaudeau, o trabalho explora tensões entre esfera pública, comunicação política e práticas cotidianas de poder. A metodologia combina análise qualitativa de conteúdo, dados socioeconômicos e observação de estratégias de campanha. Os resultados indicam que a força da candidatura não residiu apenas em propostas programáticas, mas na conversão de demandas comunitárias em narrativas de pertencimento e esperança. A humanização, a proximidade e o uso de redes sociais se mostraram decisivos para legitimar o candidato como alternativa popular. Conclui-se que a campanha de Coelho exemplifica como a micropolítica e a comunicação afetiva podem reconfigurar disputas eleitorais em cidades de pequeno porte.

**Palavras-chave:** Pequenos Municípios; Eleições 2024; Comunicação Eleitoral; Mídias Sociais.

154

### Introdução

A política, em qualquer escala, é inseparável do discurso. Desde a retórica aristotélica até os debates contemporâneos sobre esfera pública e pós-verdade, a linguagem é compreendida não apenas como meio de transmissão de informações, mas como prática constitutiva da vida coletiva, capaz de produzir realidades, moldar identidades e legitimar projetos de poder. Nesse horizonte, compreender candidaturas locais implica investigar os repertórios discursivos que organizam percepções, os modos

---

<sup>1</sup> Mestre em Computação, Comunicação e Artes com linha de Pesquisa em Mídias em Ambientes Digitais pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa. Pós-Graduado em Administração Pública pela Faculdade Alfa do Brasil; Mídias Digitais, Comunicação e Mercado pelo Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos, CESREI, Didática no Ensino Superior (FMU – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas); ABA – Análise do Comportamento Aplicada pela Faculdade Conexão, Belo Horizonte; Bacharel em Comunicação Social (Universidade Estadual da Paraíba, UEPB); Bacharel e Licenciado em Filosofia; Bacharel em Administração pela FAMAR; Bacharel em Teologia e Licenciado em História pela Uninter Centro Universitário. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Estudos Legislativos da Escola do Legislativo da Paraíba – ELEGIS – PB. E-mail: [rprofessorpb@gmail.com](mailto:rprofessorpb@gmail.com)

de circulação de narrativas e as estratégias de legitimação que estruturam o campo político.

Habermas (1984, 1989) concebeu a esfera pública como espaço de racionalidade comunicativa, em que os cidadãos deliberam e formam opinião. Fraser (1992), entretanto, problematizou essa visão ao destacar as assimetrias de poder e a emergência de contra-públicos subalternos. Essa tensão teórica torna-se ainda mais significativa quando observada em microcontextos, como os pequenos municípios, nos quais o espaço público se organiza menos por meios de comunicação de massa e mais por redes de confiança, vínculos comunitários e conversas cotidianas.

É nesse cenário que se insere a candidatura de Danilo Coelho em Ribeirãozinho—MT. Em um município de pouco mais de três mil habitantes, o processo eleitoral não se limita a programas de governo ou a discursos institucionais, mas envolve vínculos afetivos, memórias coletivas e disputas simbólicas em torno do pertencimento e da promessa de mudança. A micropolítica — entendida, na formulação de Scott (1985), como práticas cotidianas que tensionam ou reproduzem relações de poder — constitui, portanto, chave interpretativa fundamental para compreender a emergência de novas lideranças em contextos locais dominados por oligarquias políticas.

A candidatura de Coelho torna-se ainda mais emblemática porque não resultou de uma trajetória política prévia, mas da conversão de sua reputação comunitária em recurso eleitoral. Homem associado a iniciativas de solidariedade e de forte inserção em círculos religiosos, Coelho mobilizou uma narrativa de proximidade e ética em contraste com o candidato da situação, apoiado pela máquina administrativa local e por lideranças regionais. A disputa ilustra o que Bourdieu (1991) descreve como luta por capitais simbólicos: mais do que propostas técnicas, o que estava em jogo era a capacidade de acumular legitimidade por meio da ressignificação de símbolos locais, como a valorização do servidor público, a promessa de inclusão e o discurso de ruptura com a política tradicional. Nesse sentido, este estudo parte da hipótese de que a eficácia da campanha de Coelho não residiu apenas na apresentação de propostas — como a elevação do IDEB, a reabertura da maternidade e a formulação de um novo plano de educação —, mas sobretudo na tradução dessas promessas em narrativas de pertencimento, esperança e renovação. Essa dimensão narrativa conecta-se à crítica contemporânea à pós-verdade, tal como formulada por Gomes (2021), segundo a qual

a disputa política não se dá apenas no terreno da veracidade factual, mas na capacidade de construir narrativas convincentes que se tornem plausíveis e emocionalmente ressonantes para a comunidade.

Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar a construção discursiva e estratégica da candidatura de Danilo Coelho na micropolítica de Ribeirãozinho–MT, explorando como narrativas de proximidade e humanização se converteram em recursos de legitimação eleitoral. A questão-problema que orienta a pesquisa pode ser formulada da seguinte forma: como um candidato sem trajetória política prévia, apoiado apenas em capital social e comunitário, conseguiu disputar e vencer uma eleição marcada pela força das elites tradicionais e pelo peso da máquina administrativa?

Para respondê-la, o estudo adota quatro objetivos específicos: (i) mapear os repertórios discursivos mobilizados na campanha; (ii) compreender de que maneira o contexto socioeconômico e político local condicionou a produção e a recepção desses discursos; (iii) analisar a eficácia das estratégias comunicacionais adotadas, tanto nas redes sociais quanto na micropolítica presencial; e (iv) discutir os limites e as possibilidades de renovação política em municípios de pequeno porte, considerando as tensões entre tradição oligárquica e emergência de novas lideranças.

156

### **1. Esfera Pública**

A noção de esfera pública ocupa lugar central no pensamento de Jürgen Habermas, sobretudo em sua obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (1962) e posteriormente em *Teoria do Agir Comunicativo* (1984). Habermas concebe a esfera pública como uma instância mediadora entre sociedade civil e sistema político, na qual indivíduos privados se reúnem enquanto cidadãos para debater criticamente os assuntos comuns. Trata-se, portanto, de um espaço discursivo orientado pelo ideal de racionalidade comunicativa, no qual a força do argumento deveria prevalecer sobre a força da posição social ou econômica dos interlocutores. A formulação habermasiana, entretanto, carrega um traço normativo que se confronta com a realidade empírica: nem todos têm acesso, voz ou legitimidade para participar em condições de igualdade. Essa limitação foi amplamente destacada por Nancy Fraser (1992), cuja crítica tornou-se referência incontornável nos estudos contemporâneos sobre a esfera pública. Para a autora, a concepção habermasiana universaliza a experiência de grupos dominantes —

em especial, homens brancos e burgueses — e invisibiliza as exclusões históricas que marcaram o espaço público moderno. Em resposta a essas assimetrias, emergem os chamados *contra-públicos subalternos*, entendidos como arenas discursivas alternativas nas quais sujeitos marginalizados constroem e difundem interpretações divergentes.

Além disso, a análise contemporânea da esfera pública precisa considerar sua fragmentação em múltiplas esferas parciais, híbridas e sobrepostas. Como observa Dahlgren (2005), o advento da comunicação digital e das redes sociais criou uma ecologia midiática em que o espaço público se distribui em arenas heterogêneas, algumas altamente visíveis, outras subterrâneas. No interior de municípios pequenos, esse fenômeno assume contornos particulares: as rádios comunitárias, as conversas em praças, as reuniões religiosas e, mais recentemente, os grupos de WhatsApp são todos componentes de uma esfera pública local, marcada tanto pela oralidade tradicional quanto pela midiatização digital. Em Ribeirãozinho, esses circuitos foram fundamentais para a disputa discursiva: enquanto a “máquina” administrativa investia em canais institucionais, a campanha de Coelho se apropriava de redes informais de confiança, convertendo-as em arenas de circulação política.

157

Outro aspecto fundamental refere-se ao caráter simbólico do discurso político na esfera pública. Como ressalta Bourdieu (1991), o espaço público não é neutro, mas estruturado por assimetrias de capital simbólico e cultural. Assim, mesmo quando candidatos acessam arenas públicas, suas condições de escuta e legitimidade não são homogêneas: aqueles que detêm maior acúmulo simbólico partem de uma posição de vantagem.

Importa destacar ainda a dimensão emocional da esfera pública, frequentemente negligenciada pela tradição racionalista. Como lembra Gomes (2021), em tempos de pós-verdade, a eficácia política não se mede apenas pela racionalidade dos argumentos, mas pela capacidade de narrativas mobilizarem afetos, identidades e pertencimentos.

## **2. A micropolítica**

A micropolítica emerge como perspectiva que desloca o olhar do macroinstitucional para as práticas ordinárias nas quais o poder se (re)produz, é negociado e sofre resistência. Em *Weapons of the Weak*, Scott (1985) demonstra que dominação e resistência não se esgotam em confrontos espetaculares: elas se realizam,

de modo recorrente, em táticas discretas — atrasos calculados, boatos, ironias, “jogos de cena” cotidianos. Nos termos do autor, “as formas mais eficazes de resistência muitas vezes não são dramáticas, mas silenciosas” (SCOTT, 1985, p. 33). Em *Domination and the Arts of Resistance*, ele formaliza a distinção entre public transcript (transcrição pública, conforme) e hidden transcript (transcrição oculta, contestatória), evidenciando que a política “real” frequentemente se dá fora do palco oficial (SCOTT, 1990).

Desta forma, é também tributária da analítica foucaultiana do poder. Em oposição a modelos jurídicos ou centrados no Estado, Foucault descreve o poder como relacional e capilar: “Onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1979, p. 95). Não se trata de localizar o poder em uma instância única, mas de rastrear microfísicas — dispositivos, técnicas, saberes — que o disseminam por instituições, corpos e hábitos. Essa concepção impede pensar a resistência como exterior ao poder; ao contrário, ela o atravessa, o dobra e o reorienta no nível das práticas.

A contribuição de Michel de Certeau reforça o lugar das artes de fazer como foco analítico. Contra leituras que privilegiam estratégias dos fortes — vinculadas a posições estáveis e lugares “próprios” —, Certeau (1994) destaca o repertório tático dos sem-poder, marcado pela criatividade oportunista, pelo desvio e pela bricolagem no uso dos sistemas. Em suas palavras, são “táticas” que aproveitam a ocasião, “inscrevendo-se no tempo do outro” para reorientar sentidos e usos. Essa gramática cotidiana permite compreender como sujeitos minorados reapropriam discursos e dispositivos para fins próprios, sem necessidade de ruptura frontal.

À luz da sociologia bourdieusiana, a micropolítica pode ser pensada como operação situada no campo e mediada pelo habitus. Bourdieu (1991) enfatiza que predisposições incorporadas orientam percepções e práticas, de modo que o que se toma como “espontâneo” é, muitas vezes, produto de socializações históricas. A micropolítica, nesse registro, aparece como o ajuste fino entre disposições e oportunidades, no qual agentes acionam capitais (econômico, social, cultural e simbólico) para disputar reconhecimento e autoridade na vida ordinária.

Importante se faz ressaltar que a literatura também dialoga com estudos de antropologia política que sublinham redes de sociabilidade, reciprocidades e moralidades locais como infraestrutura das interações políticas (cf. OLIVIER DE SARDAN, 1999). Tais redes operam como circuitos de transmissão de informação e como

mecanismos de sanção — reputações são construídas, boatos circulam, alianças se firmam e se desfazem. Nessa chave, rumores e fofocas não são ruídos acidentais, mas tecnologias sociais com efeitos normativos, algo que Scott (1990) integra ao conceito de *hidden transcript*.

### **3. Estratégias Discursivas**

As estratégias discursivas constituem um dos eixos centrais da análise da comunicação política, pois dizem respeito ao modo como atores constroem, articulam e performam sentidos no espaço público. Para Bourdieu (1991, p. 37), o discurso político deve ser compreendido como uma forma de “poder simbólico capaz de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer”. Esse poder simbólico não é neutro: ele se inscreve em campos de força, estruturados por assimetrias de capital social, cultural e econômico. Assim, a análise de estratégias discursivas requer examinar como recursos retóricos, semióticos e narrativos são mobilizados de forma consciente ou inconsciente para disputar legitimidade, moldar percepções e sedimentar hegemonias.

A tradição retórica, desde Aristóteles, já havia identificado os pilares da persuasão política: *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* refere-se à credibilidade e à autoridade moral do orador; o *pathos*, à mobilização das emoções do público; e o *logos*, à força dos argumentos racionais. Essa tríade permanece atual como matriz para interpretar estratégias discursivas na contemporaneidade. Como afirma CHARAUDEAU (2011, p. 45), “o discurso político eficaz deve combinar competência técnica, autenticidade pessoal e proximidade afetiva”, equilibrando razão e emoção em um mesmo processo enunciativo.

Do ponto de vista da análise crítica do discurso, Norman FAIRCLOUGH (2001) sublinha que estratégias discursivas operam em diferentes níveis: no plano textual, por meio da escolha lexical, sintática e metafórica; no plano discursivo, através das práticas de produção e circulação; e no plano social, refletindo e reproduzindo condições históricas e ideológicas. Isso implica que não se pode analisar uma estratégia discursiva apenas no que ela diz, mas sobretudo no que ela faz em termos de efeitos de poder e naturalização de sentidos.

George LAKOFF (2004) introduz a noção de *framing*, destacando que o discurso político opera por enquadramentos cognitivos que estruturam o modo como os indivíduos interpretam a realidade. Para o autor, “as disputas políticas são, em última

instância, disputas por molduras mentais” (Lakoff, 2004, p. XV). Estratégias discursivas, portanto, não se reduzem a slogans, mas consistem em ativar frames que ressoem com valores culturais enraizados. Esse entendimento aproxima-se da ideia gramsciana de hegemonia: Gramsci (1971) já apontava que a luta política é, antes de tudo, uma disputa pela direção moral e intelectual da sociedade, operada por meio de consensos culturais.

No campo da linguística política, Charaudeau (2006) identifica três grandes estratégias discursivas: (i) a de legitimação, pela qual o ator busca se apresentar como competente e autorizado; (ii) a de sedução, que mobiliza emoções, afetos e identidades compartilhadas; e (iii) a de argumentação, que procura convencer pela força lógica dos enunciados. Em contextos de crise ou disputa intensa, a estratégia de sedução tende a prevalecer, pois, como afirma Gomes (2021), vivemos em uma era em que a verdade política é frequentemente subordinada à plausibilidade narrativa e à capacidade de mobilização afetiva.

Outro ponto fundamental é a dimensão multimodal das estratégias discursivas contemporâneas. Como lembram Kress e van Leeuwen (2001), o discurso político não se dá apenas na linguagem verbal, mas integra imagens, sons, gestos e performances. Estratégias discursivas são, portanto, construídas em campanhas, entrevistas, jingles, memes e vídeos curtos, configurando uma ecologia comunicacional em que cada formato reforça ou amplia o efeito de sentido.

O estudo de estratégias discursivas deve ainda considerar a dialética entre continuidade e inovação. Muitos recursos retóricos — como metáforas bélicas, narrativas de redenção ou símbolos patrióticos — são recorrentes na história da política. Entretanto, sua eficácia depende da capacidade de reatualizá-los em novos contextos. Fairclough (2003) chama esse processo de “recontextualização discursiva”: estratégias antigas são ressignificadas para se adequar a situações históricas específicas, mantendo familiaridade e produzindo novidade.

#### **4. Metodologia**

A pesquisa adota abordagem qualitativa, com foco em compreender a construção discursiva da candidatura em sua dimensão simbólica e estratégica. O principal procedimento utilizado foi a análise de conteúdo (Bardin, 2016), aplicada aos materiais de campanha de Danilo Coelho — panfletos, jingles, discursos, publicações em redes sociais e o podcast eleitoral desenvolvido em estilo irreverente. Essa análise

permitiu identificar categorias centrais de sentido, tais como “nova política”, “pertencimento comunitário” e “ruptura com a velha política”.

Além disso, foi realizado levantamento de dados socioeconômicos e eleitorais de Ribeirãozinho–MT, com base em informações do IBGE, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e de documentos internos de planejamento da campanha. Esse material foi fundamental para compreender o cenário de desigualdade, dependência econômica e perpetuação oligárquica que molda a micropolítica local. A pesquisa também contou com observação participante indireta, uma vez que os registros de planejamento de campanha, métricas digitais e estratégias de campo foram sistematizados e analisados. O critério central foi identificar não apenas as propostas formais, mas sobretudo os modos de circulação discursiva que permitiram à candidatura de Coelho se consolidar como alternativa. A triangulação entre análise de conteúdo, dados contextuais e observação de campo buscou garantir rigor metodológico e densidade interpretativa, permitindo avançar na compreensão da micropolítica como espaço de disputa simbólica e material.

161

#### **5. Contexto Socioeconômico e eleitoral de Ribeirãozinho–MT**

O território hoje correspondente ao município de Ribeirãozinho, situado na região sudeste de Mato Grosso, foi palco de intensa movimentação a partir do século XIX, quando sertanistas e exploradores passaram a mapear suas terras em busca de riquezas minerais. Entre eles destacou-se, segundo informações do site da prefeitura municipal, Antônio Cândido de Carvalho, que percorreu vastas áreas do Centro-Oeste brasileiro em expedições de reconhecimento e levantamento diamantífero. Como registram cronistas regionais, Carvalho cruzou o Rio Araguaia, alcançou o Itiquira, transpôs o Rio Vermelho e chegou até o Garças, identificando ali a presença de jazidas minerais e descortinando o potencial econômico da região. O impacto de seus relatos foi imediato: a descrição das riquezas naturais provocou verdadeira corrida de aventureiros, garimpeiros e comerciantes, transformando o espaço até então periférico em destino de migrantes que buscavam “a sorte garimpeira” e o sonho da ascensão social rápida.

A lógica do garimpo, entretanto, possuía efeito paradoxal: se, de um lado, atraía fluxos populacionais diversos, de outro, tendia a fixar trabalhadores à terra. Como observa Leal (1949), o garimpeiro é figura híbrida entre o nômade e o sedentário: busca

novos pontos de exploração, mas, ao encontrar jazidas promissoras, transforma-se em pequeno proprietário, estabelecendo laços duradouros com o território. Foi precisamente esse o processo ocorrido em Ribeirãozinho. A partir de 1918, famílias oriundas de Minas Gerais e de Goiás se fixaram na região, atraídas pela descoberta de ouro e diamante nos córregos e terrenos locais. A mineração artesanal abriu espaço para a posterior instalação de pequenas propriedades rurais e casas comerciais, consolidando o povoamento inicial.

A fertilidade do solo e a abundância de recursos hídricos logo se tornaram atrativos centrais para os recém-chegados. O cerrado começou a ser derrubado e convertido em áreas agrícolas, ao mesmo tempo em que extensas pastagens naturais favoreciam a pecuária. Nesse período, como destaca Oliveira (2000), a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central ocorreu pela combinação entre agricultura familiar e criação de gado, moldando paisagens socioeconômicas híbridas entre subsistência e mercado. Em Ribeirãozinho, a fixação dos primeiros colonos representou o início da transição de uma economia extrativa mineral para uma economia agrícola-pecuária, acompanhada pela formação de uma identidade comunitária mais estável.

162

Administrativamente, o povoado figurou nas primeiras divisões territoriais do estado. Em 1937, Ribeirãozinho aparecia como distrito do município de Santa Rita do Araguaia, juntamente com outros núcleos locais, como Lajeado, Alcantilado e Tesouro. No entanto, na divisão administrativa de 1943, o nome de Ribeirãozinho desaparece, sendo o vilarejo de Ponte Branca incorporado ao município de Alto Araguaia (MATO GROSSO, 1943). A condição de distrito somente foi oficializada em 21 de novembro de 1958, pela Lei Federal nº 1.170, vinculando Ribeirãozinho ao recém-criado município de Ponte Branca.

O ciclo de modernização agrícola da década de 1970, impulsionado pela chamada “marcha para o Oeste” e pela implantação da nova fronteira agrícola no Mato Grosso, teve impacto decisivo para a consolidação da comunidade local. Como registram Helfand e Rezende (1998), a interiorização do desenvolvimento agrícola atraiu fluxos migratórios de diferentes regiões do Brasil, especialmente do Sul e Sudeste, gerando novos padrões de ocupação e dinamizando as economias rurais. Ribeirãozinho não foi exceção: famílias de diversas origens somaram-se às pioneiras, introduzindo

investimentos em agricultura mecanizada, fortalecendo a pecuária e diversificando a economia.

Com o crescimento populacional, o fortalecimento da base econômica e a ampliação da infraestrutura social, emergiu, a partir da década de 1980, o projeto de emancipação política. A criação do município ocorreu pela Lei Estadual nº 5.910, de 20 de dezembro de 1991. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), Ribeirãozinho possui população estimada em pouco mais de 3.000 habitantes, distribuídos em uma área de 1.537 km<sup>2</sup>, o que caracteriza uma densidade demográfica extremamente baixa. A economia municipal é fortemente dependente da agropecuária, em especial da pecuária de corte e da agricultura de subsistência. O Produto Interno Bruto (PIB) local gira em torno de R\$ 70 milhões, sendo que a maior parte da receita municipal provém de repasses estaduais e federais. Essa dependência das transferências intergovernamentais cria um cenário de vulnerabilidade fiscal e, ao mesmo tempo, reforça o poder político dos grupos que controlam a máquina administrativa.

163

No campo social, Ribeirãozinho enfrenta desafios típicos de municípios de pequeno porte no interior brasileiro. Os indicadores educacionais revelam defasagens: o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2021 situava-se em 6,2 para os anos iniciais, abaixo da meta projetada para o período e inferior à média estadual. Já na saúde, a ausência de hospital próprio e a dependência de municípios vizinhos para serviços de maior complexidade revelam a fragilidade da rede de atenção local. Como destaca Arretche (2012), essas carências em políticas públicas municipais tendem a reforçar a centralidade da política como mediadora de demandas sociais básicas.

Do ponto de vista histórico-político, a trajetória de Ribeirãozinho é marcada pela concentração oligárquica do poder. Desde sua emancipação, o comando político esteve nas mãos de poucas famílias que se alternaram no Executivo municipal, reproduzindo padrões clientelistas característicos do que Leal (1949) denominou “coronelismo”.

Tabela 1 – Prefeitos eleitos de Ribeirãozinho 2004 a 2024

Ano	Prefeito	Partido	Votos	% dos Votos
2004	Eraldo Vera	PFL	781	50,71 %
2008	Prof. Marcos	PPS	728	51,23 %
2012	Prof. Marcos	PSD	1.248	100 %*

<b>2016</b>	Ronivon Parreira das Neves	PSDB	1.097	62,94 %
<b>2020</b>	Ronivon Parreira das Neves	PSDB	982	55,64 %
<b>2024</b>	Danilo Coelho	PSB	1.140	51,03 %

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE (2024)

A análise dos dados eleitorais confirma esse padrão. Informações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 2020) indicam que, nas últimas eleições municipais, as disputas em Ribeirãozinho foram marcadas por forte polarização entre grupos familiares locais. A taxa de abstenção se manteve em torno de 15%, próxima da média nacional, mas o voto válido concentrou-se em dois blocos políticos, com pequena margem de diferença entre vencedor e derrotado. Isso mostra que, embora o sistema eleitoral assegure competição, a oferta de alternativas é restrita a candidatos ligados às redes oligárquicas.

É importante destacar, ainda, a dimensão simbólica da política local. Em municípios pequenos, onde “todos conhecem todos”, a reputação individual exerce papel decisivo. Como lembra Reis (2011), a política municipal brasileira se caracteriza por um alto grau de personalismo, no qual atributos morais, relações de confiança e proximidade comunitária pesam tanto quanto — ou mais do que — propostas programáticas.

## **6. A construção da candidatura de Danilo Coelho**

A candidatura de Danilo Coelho em Ribeirãozinho, nas eleições de 2024, apresenta-se como caso paradigmático de emergência de novas lideranças em cenários locais marcados pela hegemonia oligárquica e pelo peso das máquinas administrativas. Até então, Coelho não possuía trajetória política formal: sua identidade pública estava associada a atividades sociais, religiosas e comunitárias, nas quais desempenhava papel de liderança moral e carismática.

Conhecido pela atuação em campanhas beneficentes, iniciativas de solidariedade e forte presença em círculos religiosos, sua imagem era a de um “homem caridoso”, próximo da população e profundamente enraizado nos laços comunitários. Essa legitimidade social, construída fora da política institucional, constitui o que Bourdieu (1991) denominaria capital simbólico, elemento central para compreender sua posterior conversão em capital político.

Figura 1 – Danilo Coelho quando criança



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

De outro lado, a disputa eleitoral contava com a candidatura do Dr. Gustavo (União Brasil), apoiado pelo então prefeito Ronivon Parreira das Neves (PSDB) e sustentado por uma ampla rede de alianças políticas regionais. A situação reunia, portanto, não apenas o poder financeiro da máquina municipal, mas também o suporte institucional dos prefeitos de três cidades circunvizinhas — Torixoréu, Ponte Branca e Araguainha — além do apoio explícito do governador do estado, Mauro Mendes (União Brasil). O vice de Dr. Gustavo, cuja declaração de bens ultrapassava sete milhões de reais, simbolizava de forma eloquente a assimetria de recursos que marcava a disputa: de um lado, a força da elite econômica e política; de outro, uma candidatura emergente, ancorada em capital social e popularidade comunitária.

A construção da candidatura também se apoiou em uma narrativa de ruptura com a política tradicional. O slogan *“Coragem para Construir uma Nova História”* funcionou como condensador simbólico da campanha, apresentando Coelho como outsider, ainda que sua trajetória estivesse inserida em redes locais de poder. Essa estratégia está em sintonia com o fenômeno mais amplo da personalização da política, caracterizado pela centralidade da figura do candidato em detrimento das instituições partidárias (Manin, 1997).

A literatura sobre política municipal no Brasil destaca esse contraste como característica recorrente de sistemas locais. Como observa Nunes (2003), em contextos de baixa institucionalização partidária, as eleições se estruturam frequentemente em

torno da oposição entre “candidatos da máquina” e “candidatos do povo”, sendo que estes últimos, quando emergem, o fazem a partir de forte vínculo comunitário e reputação pessoal. É precisamente nesse quadro que se insere a candidatura de Coelho, cuja singularidade estava em enfrentar a coalizão regional de poder apenas com o apoio de amigos, lideranças comunitárias e da população local.

Esse embate ilustra o que Scott (1990) descreve como a tensão entre transcrições públicas e ocultas. Enquanto a candidatura situacionista se apoiava no discurso público de continuidade e desenvolvimento, a candidatura de Coelho emergia das conversas privadas, dos círculos religiosos e das redes de confiança cotidiana, convertendo murmúrios e insatisfações em projeto político. Em termos gramscianos, tratava-se de uma disputa pela hegemonia local, na qual a elite buscava reproduzir o consenso por meio de recursos financeiros e institucionais, enquanto o outsider tentava forjar uma nova narrativa de pertencimento e renovação.

Outro aspecto é que a candidatura de Danilo Coelho às eleições municipais de 2024 em Ribeirãozinho–MT revela, desde sua origem, uma dimensão singular: embora se apresentasse como um político de perfil conservador e alinhado ao ex-presidente Jair Bolsonaro, Coelho encontrava-se filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), legenda tradicionalmente vinculada ao campo da centro-esquerda brasileira. Tal paradoxo entre posicionamento ideológico e filiação partidária ilustra a complexidade da política local e confirma o que já havia sido observado por Mainwaring (1999) ao analisar o sistema partidário brasileiro: a baixa institucionalização e a flexibilidade ideológica das siglas permitem arranjos pragmáticos, especialmente em disputas municipais.

166

Figura 2 – Proposta de Danilo Coelho para Agronegócio



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

Essa incongruência entre identidade política e legenda é um fenômeno recorrente em contextos locais. Como ressalta Limongi (2012), a política municipal frequentemente prioriza o capital pessoal do candidato, suas redes de apoio e sua capacidade de mobilização comunitária, relegando a segundo plano a coerência programática das legendas. No caso de Coelho, sua imagem como apoiador de pautas conservadoras e de direita convivia com o espaço político aberto pela legenda do PSB, que oferecia condições estratégicas de viabilidade eleitoral, seja pelo espaço disponível no partido, seja por arranjos regionais que facilitaram sua candidatura.

Assim, a filiação ao PSB não pode ser lida simplesmente como contradição, mas como estratégia de sobrevivência e de viabilidade política. Como observa Kinzo (2005), a lógica da competição eleitoral no Brasil não se limita ao espectro ideológico, mas incorpora variáveis locais, como alianças, negociações e acesso a recursos partidários. A candidatura de Coelho demonstra, portanto, como a política local é permeada por ambiguidades ideológicas que não anulam, mas antes reforçam a plasticidade do sistema político brasileiro.

167

O plano de governo apresentado por Danilo Coelho foi estruturado em torno de três eixos principais: educação, saúde e valorização dos servidores públicos. Na educação, destacava-se a proposta de elevar o IDEB para 8,5 em quatro anos, por meio da recomposição das aprendizagens e da reorganização curricular alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa meta foi apresentada como mobilizadora, funcionando, nos termos de Bourdieu (1991), como um capital simbólico capaz de gerar confiança e expectativa na comunidade.

Figura 3 – Proposta de Danilo Coelho para Educação



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

Na saúde, o programa previa a reabertura do Hospital local, a construção de novas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e a implementação de políticas voltadas à saúde mental, em consonância com debates contemporâneos sobre humanização do cuidado (AYRES, 2009). Ao propor medidas de reorganização da rede de atenção básica, o plano buscava responder a uma das principais demandas da população local: a precariedade do sistema público de saúde.

Figura 4 – Postagem sobre o Hospital Municipal de Ribeirãozinho-MT



168

Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

Outro eixo central foi a valorização dos servidores públicos, especialmente professores e profissionais da saúde. Em municípios de pequeno porte, onde a administração pública é o maior empregador formal, a relação entre governo e servidores possui alto impacto político (Abrucio, 2004). O programa de Coelho enfatizava a necessidade de formação continuada, melhores condições de trabalho e reconhecimento da expertise técnica, contrastando com práticas de desvalorização e perseguição política historicamente relatadas na região.

Além desses eixos, o plano incorporava diretrizes transversais de gestão, como a promessa de transparência administrativa, o estímulo à participação comunitária e o incentivo ao desenvolvimento econômico sustentável, em consonância com diretrizes nacionais do PSB, mas reinterpretadas em chave pragmática e conservadora. Essa adaptação confirma o argumento de que programas eleitorais locais frequentemente hibridizam discursos nacionais e demandas específicas (MIGUEL, 2014).

Figura 5 – Frase de Danilo - Humanização



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

A escolha da vice-prefeita é, em campanhas eleitorais, um movimento político que vai além da simples composição de chapa: trata-se de uma estratégia discursiva e simbólica capaz de ampliar bases de apoio e conferir credibilidade ao projeto político. No caso de Ribeirãozinho, a presença de Vânia Carrijo como candidata a vice na chapa de Danilo Coelho trouxe elementos decisivos para a construção da candidatura. Servidora pública de carreira há 22 anos, Vânia incorporava uma narrativa de experiência, competência administrativa e compromisso com a gestão pública.

Como observam Miguel e Biroli (2011), a representação política não é apenas programática, mas também simbólica: atores políticos corporificam determinados valores sociais e, assim, contribuem para a legitimidade de um projeto. Nesse sentido, Vânia Carrijo simbolizava a valorização dos servidores, uma das principais bandeiras do plano de governo, reforçando a promessa de ruptura com práticas de perseguição política e clientelismo. Sua trajetória de longo serviço público funcionava como capital político de credibilidade, no sentido bourdieusiano, pois produzia confiança junto a segmentos estratégicos da população, especialmente professores e trabalhadores da saúde.

Além disso, a escolha de Vânia trazia implicações para a composição identitária da chapa. Enquanto Danilo Coelho era identificado como católico e apoiador de pautas conservadoras de direita, Vânia, evangélica e ligada a comunidades religiosas locais, possibilitava ampliar a interlocução com diferentes segmentos da população. Como lembra Pierucci (1989), as identidades religiosas no Brasil exercem papel estruturante

na política, funcionando como redes de mobilização e sociabilidade. A aliança entre um candidato católico e uma vice evangélica representava, portanto, não apenas diversidade simbólica, mas também um gesto de transversalidade comunitária, que reforçava o discurso de “gestão para todos”.

Figura 6 – Postagem sobre o Hospital Municipal de Ribeirãozinho-MT



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

170

Do ponto de vista técnico-administrativo, a presença de uma vice com trajetória consolidada no serviço público conferia à candidatura uma dimensão de profissionalização. Abrucio (2007) observa que a credibilidade da gestão municipal depende, em grande medida, da capacidade de atrair quadros técnicos e de valorizar servidores de carreira. Nesse sentido, a candidatura de Coelho não apenas prometia valorizar o funcionalismo, mas incorporava em sua chapa uma figura que personificava essa valorização, transformando promessa em prática simbólica concreta.

Um dos aspectos mais evidentes da campanha de Coelho foi a centralidade da humanização. A figura do candidato não se apresentava apenas como gestor ou político, mas como “amigo”, “filho da terra” e “homem caridoso” próximo da comunidade. Essa estratégia se manifesta em diferentes níveis: Testemunho pessoal – Em posts como “Estou certo de que a decisão de retribuir tudo o que Ribeirãozinho me deu foi a melhor que já tomei na minha vida”, Coelho constrói uma narrativa autobiográfica de gratidão, transformando sua trajetória pessoal em argumento político. A humanização aqui funciona como ethos (Aristóteles, 1991), conferindo credibilidade e autenticidade ao candidato. Proximidade com a comunidade – As imagens evidenciam contato físico

(abraços, apertos de mão, interação direta), reforçando o corpo como veículo de confiança (Charaudeau, 2011). Esse recurso visual distância Coelho da imagem do político tradicional, criando a representação de um “homem do povo” que compartilha afetos com a comunidade. Emoção como estratégia – O slogan “Coragem para Construir uma Nova História” combina a dimensão racional de mudança com a dimensão afetiva de esperança. Como ressalta Gomes (2021), em tempos de pós-verdade, narrativas políticas eficazes mobilizam afetos tanto quanto argumentos. Nesse sentido, a humanização da campanha foi recurso discursivo para despertar empatia e pertencimento.

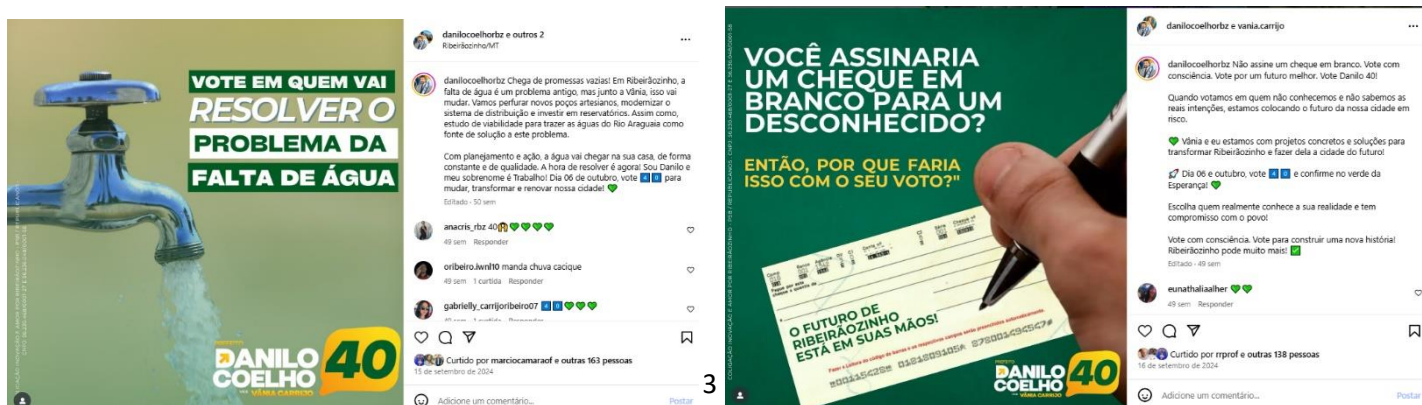
Figura 7 e 8 – Humanização do Conteúdo de Danilo Coelho



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

Problemas cotidianos como a falta d’água são tratados de forma direta, com promessa de ação rápida. Aqui, o discurso não recorre a tecnicismos, mas a uma linguagem simples, próxima ao senso comum: “a água vai chegar na sua casa, de forma constante e de qualidade”. Ao mesmo tempo, mensagens como “*Você assinaria um cheque em branco para um desconhecido?*” buscam transferir o campo da racionalidade econômica para o campo moral, reforçando a necessidade de voto consciente.

Figura 9 e 10 – Problemas e questões éticas



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

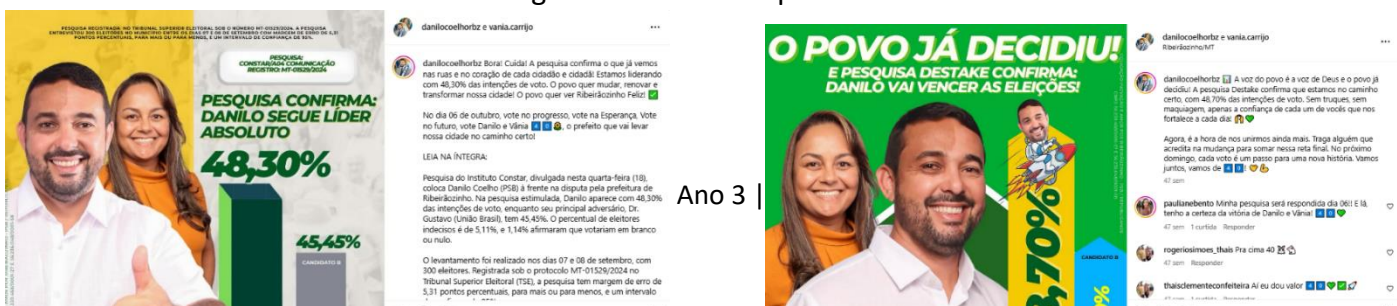
No plano visual, a campanha se apoia fortemente no uso das cores verde e amarelo, associadas à esperança e à renovação, em consonância com o slogan. A iconografia recorrente do número 40 reforça o pertencimento partidário ao PSB, ao mesmo tempo em que o desloca de sua identidade nacional de esquerda para uma estética de proximidade popular.

A repetição de expressões como “Coragem”, “Esperança” e “Nova História” indica a adoção de frames discursivos (Lakoff, 2004) centrados em mudança e futuro. Esses frames organizam a percepção do eleitorado, convertendo carências locais (educação precária, hospital fechado, falta d’água) em símbolos de um passado a ser superado por meio da coragem coletiva.

Foi adotado também um discurso de inevitabilidade da vitória de Danilo e Vânia, frases de impacto como “O povo já decidiu”, “Danilo vai vencer as eleições” e “Foguete não tem ré”, operam no campo do que Lakoff (2004) denomina frames cognitivos, criando a percepção de que a vitória não é apenas possível, mas certa. A intenção é desmobilizar o adversário, criar efeito de bandwagon (adesão ao provável vencedor) e reforçar no eleitorado a confiança de que seu voto se insere em uma corrente majoritária. Ao usar “A voz das ruas já aponta para o futuro”. Evidencia-se um recurso de mobilização emocional que, conforme Charaudeau (2006), reforça o pathos da campanha — emoção e esperança — em contraste com o logos técnico das propostas. Esse uso híbrido — técnico (pesquisas), simbólico (cores, metáforas) e afetivo (religiosidade, esperança) — ilustra como a campanha operou na intersecção entre comunicação política tradicional e micropolítica comunitária. Os números não aparecem como abstrações, mas como prova concreta de que o povo já havia escolhido o candidato, antecipando a vitória e ressignificando a eleição como ato de confirmação, não de disputa.

172

Figura 11 e 12 – Pesquisas Eleitorais



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

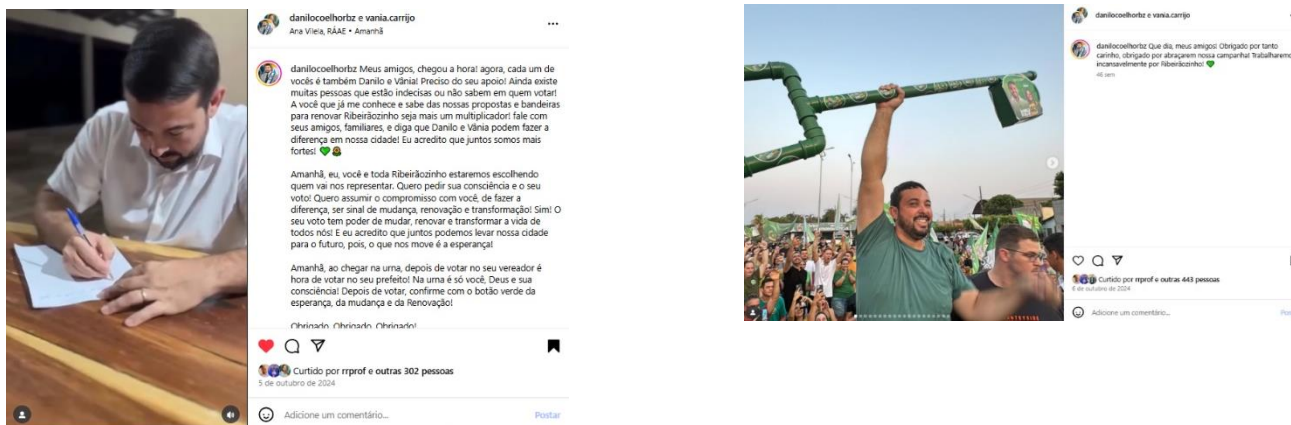
O VT final da campanha que foi ao ar às 23h59 da véspera do pleito, segue uma estrutura narrativa linear e persuasiva, muito próxima ao que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) denominam “nova retórica”. Estruturado em agradecimentos, apresentação de propostas, contraste com a oposição e convocação final ao voto, o discurso articulou ethos (credibilidade), logos (propostas técnicas) e pathos (emoção e esperança). A humanização foi central, com ênfase na escuta da população, na proximidade comunitária e na valorização de vínculos afetivos. A dimensão moral e religiosa esteve presente na frase “na urna é só você, Deus e sua consciência”, ressignificando o voto como ato ético e transcendente.

O discurso amplia o horizonte: não é apenas sobre o presente, mas sobre “nossos filhos e netos”. Essa estratégia desloca a decisão de uma lógica imediatista para uma narrativa de futuro compartilhado, conectando passado (abandono), presente (esperança) e futuro (transformação).

173

Palavras-chave como *mudança, renovação, transformação* são reiteradas ao longo do texto. A repetição funciona como mantra político, fixando a identidade da candidatura. O tom performativo (“*amanhã, quando vocês forem às urnas*”) projeta o eleitor diretamente na cena da votação, antecipando a ação e convertendo intenção em comportamento.

Figura 13 – VT Final da Campanha de Danilo e Vânia e Danilo com a Chave da Cidade Após Vitória



Fonte: Redes sociais – Danilo Coelho

## Considerações Finais

Este artigo investigou como a candidatura de Danilo Coelho, em Ribeirãozinho–MT, converteu capital social e reputacional em capital político ao articular, de modo consistente, humanização, proximidade comunitária e propostas tecnicamente verificáveis. A pergunta-problema—como um candidato sem trajetória prévia venceu uma eleição marcada pela força da máquina e por hegemonias oligárquicas—pode ser respondida em três movimentos.

Primeiro, pela tradução narrativa de carências locais (educação, saúde, água) em frames de esperança e futuro (LAKOFF, 2004), sustentados por um ethos de serviço e gratidão. Segundo, pela hibridização estratégica entre um repertório conservador de valores (religiosidade, moralidade do voto) e a filiação pragmática ao PSB, o que evidencia a plasticidade do sistema partidário municipal (MAINWARING, 1999; KINZO, 2005; LIMONGI, 2012), Terceiro, pela organização micropolítica do contato, onde visitas domiciliares, conversas e redes de confiança ampliaram o alcance das mensagens, performando uma esfera pública local capilar, fragmentada e eficaz (HABERMAS, 1984, 1989; FRASER, 1992; SCOTT, 1985, 1990).

A análise de conteúdo mostrou que a campanha não se limitou a slogans: metas objetivas (IDEB 8,5; reabertura da maternidade; novas UBS) ancoraram o pathos mobilizado, configurando o que propomos chamar de humanização programática—a justaposição de apelos afetivos a compromissos verificáveis. O VT final sintetizou esse arranjo ao convocar o eleitor por uma gramática de consciência e transcendência (“na urna é só você, Deus e sua consciência”), convertendo o ato de votar em gesto moral e comunitário, sem abdicar do logos das propostas. A escolha da vice, Vânia Carrijo, funcionou como selo de profissionalização e sinal de valorização do funcionalismo, ampliando a credibilidade administrativa e a transversalidade religiosa da chapa.

Teoricamente, o estudo contribui ao articular Habermas (1984, 1989)/Fraser (1992) (esfera pública e contra-públicos) com Scott (1985, 1990)/Bourdieu (1991) (micropolítica e capitais) e Charaudeau (2006)/Fairclough (2001, 2003)/Lakoff (2004) (estratégias discursivas e enquadramentos), iluminando como, em pequenos municípios, a disputa política se decide menos pela retórica de grandes projetos e mais

pela capacidade de criar pertencimento em redes de proximidade, sem abrir mão de lastro técnico.

Do ponto de vista normativo, o caso reafirma potencialidades e riscos. A ancoragem comunitária repõe a densidade cívica da esfera pública local, mas a moralização religiosa do voto exige vigilância para que não comprima o pluralismo e a deliberação racional. A vitória do “candidato do povo” não elimina, por si, estruturas oligárquicas; desloca-as e reconfigura seus termos de legitimação. O teste decisivo será governamental: transformar frames em políticas—eivar o IDEB, reabrir e manter a maternidade, garantir água e transparência—sob escrutínio público.

Há limites a reconhecer. A pesquisa baseou-se majoritariamente em materiais de campanha, métricas digitais e documentos de planejamento, o que pode introduzir vieses de disponibilidade e desejabilidade. Faltam entrevistas sistemáticas com eleitores, etnografia prolongada e mensuração de causalidade na adoção de frames. A generalização para outros municípios deve ser cautelosa, dada a especificidade histórica e relacional de Ribeirãozinho.

Conclui-se, por fim, que a experiência de Ribeirãozinho–MT confirma a potência transformadora das candidaturas enraizadas em vínculos comunitários e sustentadas por narrativas de humanização. Mais do que vencer a disputa contra elites tradicionais e recursos desproporcionais, Danilo Coelho conseguiu legitimar-se pela coerência entre discurso e prática. Nos meses subsequentes à eleição, cumpriu as principais promessas que mobilizaram sua campanha. Ao converter frames discursivos em políticas concretas, consolidou-se não apenas como vencedor eleitoral, mas como gestor capaz de materializar a “nova história” anunciada, reforçando a confiança popular e reafirmando que, mesmo em municípios de pequeno porte, é possível unir proximidade, técnica e transformação efetiva.

### **Referências**

ABRUCIO, Fernando Luiz. **Os barões da federação: os governadores e a redemocratização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1998.

ABRUCIO, Fernando Luiz. **Trajetória recente da gestão pública brasileira: um balanço crítico e a renovação da agenda de reformas**. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 41, n. esp., p. 67-86, 2007.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ARRETCHE, Marta. **Democracia, federalismo e centralização no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Les stratégies discursives de la politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

DAHLGREN, Peter. **The internet, public spheres, and political communication: dispersion and deliberation**. *Political Communication*, v. 22, n. 2, p. 147-162, 2005.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. 2. ed. London: Longman, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRASER, Nancy. **Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy**. *Social Text*, n. 25/26, p. 56-80, 1992.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Wilson. **A política da pós-verdade**. Salvador: EDUFBA, 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. v. 1 e 2. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HELFAND, Steven; REZENDE, Gervásio. **A agricultura brasileira no processo de globalização: os impactos das políticas macroeconômicas e comerciais**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998.

KINZO, Maria D'Alva. **Partidos, eleições e democracia no Brasil pós-1985**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

LAKOFF, George. **Don't think of an elephant! Know your values and frame the debate**. White River Junction: Chelsea Green, 2004.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. Rio de Janeiro: Forense, 1949.

LIMONGI, Fernando. **A democracia no Brasil: presidencialismo, instituições e política comparada**. São Paulo: Editora 34, 2012.

MAINWARING, Scott. **Rethinking party systems in the third wave of democratization: the case of Brazil**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

MANIN, Bernard. **The principles of representative government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MIGUEL, Luís Felipe. **Democracia e representação: territórios em disputa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Cotas de gênero e democracia**. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

NUNES, Edson. **A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia da agricultura**. São Paulo: Contexto, 2000.

OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. **Anthropology and development: understanding contemporary social change**. London: Zed Books, 1999.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: USP, 1989.

REIS, Fábio Wanderley. **Mercado e utopia: teoria política e sociedade brasileira**. São Paulo: Edusp, 2011.

SCOTT, James C. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance**. New Haven: Yale University Press, 1985.

SCOTT, James C. **Domination and the arts of resistance: hidden transcripts**. New Haven: Yale University Press, 1990.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.